

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: OS AVÓS NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEAⁱ

Iêda Carvalhêdo Barbosaⁱ

Resumo

Este estudo busca analisar a velhice como fonte de referência cultural e como marca de esquecimento por intermédio da relação entre avós e netos em livros de literatura infantil contemporânea, tendo como foco as narrativas *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995) e *A avó adormecida* (2014). Baseando-nos nas teorias de Beauvoir (1976), Benjamin (1987) e Bosi (1987), entre outros, pode-se verificar que há uma integração entre essas duas gerações mediada pelo cuidado recíproco e pela continuidade das memórias.

Palavras-chave: envelhecimento, memória, esquecimento, narrativas contemporâneas, literatura infantil.

MEMORY AND FORGETFULNESS: THE GRANDPARENTS IN CONTEMPORARY CHILDREN'S NARRATIVE

Abstract

This study aims at analysing the aging as source of cultural reference and forgetfulness through the relationship between grandparents and grandchildren in contemporary children's books, having focus on *Wilfrid Gordon Mac-Donald Partridge* (1995) and *The sleeping grandmother* (2014). Based on Beauvoir (1976), Benjamin (1987) e Bosi (1987), among others, one can see that there is an integration between these two generations mediated by the mutual care and the continuity of memories.

Keywords: *Aging, Memory, Forgetfulness, Contemporary narratives, Children's literature.*

1 – Introdução

A literatura infantil mais recente tem tratado de temáticas que tradicionalmente não lhe eram comuns, como a separação de casais, o alcoolismo, as diferenças sociais, a deficiência, novas configurações familiares, a velhice etc. Colomer (2003, p. 257) afirma que tal movimento começou a partir dos anos sessenta e setenta do século XX quando os livros dirigidos às crianças tiveram que variar seus temas, para refletir os problemas e formas de vida próprios da realidade dos infantes.

O tema da representação da velhice na literatura infantil, centrado na vida cotidiana de avós e netos, foi escolhido, levando-se em consideração a importância da discussão sobre a posição social do idoso na sociedade atual, bem como o número reduzido de pesquisas sobre esse assunto na área da literatura.

Interessa-nos fundamentalmente analisar a função dos avós como narrador de histórias e

ⁱ Esta pesquisa foi realizada com o apoio financeiro da CAPES.

ⁱ Doutoranda em Literatura Comparada (UFC). Professora de língua portuguesa e literatura do IFCE. Contato: iedacarvalhedoadv@yahoo.com.br

transmissor de conhecimentos, o que acontece com eles quando se veem doentes e incapazes de recordar o passado e o comportamento das crianças face a essas duas situações. Para tanto, investigaremos não apenas os recursos verbais usados nos livros infantis como também as ilustrações neles contidas.

As obras selecionadas como objeto de pesquisa foram *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995) e *A avó adormecida* (2014) por tratarem, de forma poética e sem didatismos, do desmemoriamiento de idosos e da participação ativa da personagem criança diante dessa problemática.

2 – A Velhice e a Literatura Infantil

A preocupação com a velhice é antiga. Na Grécia Antiga, Hipócrates “[...] foi o primeiro a estabelecer um paralelo entre as etapas da vida humana e as quatro estações da natureza, comparando a velhice com o inverno” (BEAUVOIR, 1976, p. 19) e, depois dele, muitos filósofos, sociólogos, psicólogos e literatos trataram de temas relativos à senescência, enaltecendo-a ou descrevendo seus problemas.

Ao examinar o conceito de velhice em várias áreas do conhecimento, a filósofa francesa Simone de Beauvoir afirmou que nenhum deles a define isoladamente, pois esta é um processo multifacetado da vida humana:

[...] um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta consequências psicológicas: determinadas condutas, com justa razão, são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: seu estatuto lhe é imposto, tanto na velhice como em todas as idades, pela sociedade a que pertence (Beauvoir, 1976, p. 13).

Para Chevalier e Gheerbrant (2000), a velhice está estreitamente ligada à sabedoria e virtude, por seu longo acúmulo de experiência e reflexão. Dessa forma, atribui-se à terceira idade um estatuto social de destaque e prestígio. Vale lembrar que, no Brasil, esse referencial de sabedoria e prestígio social geralmente não acontece e são inúmeros os exemplos de abandono e descaso com os idosos.

Em nosso país, os estudos a respeito da velhice também têm sido realizados. Numa obra basilar, *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, Ecléa Bosi (1987, p.40) mostra que a função social da velhice é a de lembrar. O idoso lembra e aconselha, unindo o início ao fim por meio da memória, que é uma forma de ele trabalhar, continuando a contribuir para melhorar o futuro com suas experiências vividas.

Tanto Ecléa Bosi como Simone de Beauvoir identificam uma dimensão importante na

concepção de velhice quando concluem que o sentido da existência da senescência está na memória: “[...] o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (BOSI, 1987, p. 40). Porém, com o surgimento da sociedade burguesa, essa visão sobre o idoso foi perdendo o ar de sacralidade e transformando-se no desprestígio social que está ligado a essa faixa etária atualmente. Em outras palavras, a sociedade industrial traz malefícios para a velhice.

Para Benjamin (1987, p. 200), as pessoas mais velhas são aquelas que detêm histórias e vivências que podem ser revisitadas pela memória. Assim, a narração dos fatos deve ser feita por quem tem a experiência a comunicar e conselhos a dar a seus ouvintes atentos. Em razão disso, a função social central dos idosos é lembrar e estabelecer o elo entre o passado e o presente, por meio de sua sabedoria adquirida pelo tempo de vida.

O filósofo também esclarece que “[...] o narrador retira da experiência o que conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 205). Para que a arte de contar histórias não tenha fim, é necessário que haja ouvintes para “[...] contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

É digno de nota que não há ninguém melhor e mais presente que os avós para desenvolver essa arte de narrar na convivência com seus netos, visto que os avós são responsáveis pela transmissão da cultura e da tradição familiar, por meio de heranças simbólicas, e influenciam diretamente no desenvolvimento intelectual e na formação psíquica de seus netos (OLIVEIRA, 1999).

De acordo com Barros (1987), os avós são sinônimos de memória, são fundamentais na formação da identidade familiar e de seus componentes. A pesquisadora considera os avós como mediadores essenciais na manutenção da identidade familiar, um elo vivo que liga os “antepassados” aos seus “descendentes”.

Além do afeto, a relação desenvolvida entre avós e netos transmite para a infância uma herança cultural imprescindível para a formação da subjetividade da criança, de sua família e de toda a sociedade.

Segundo Silva e Correa (2014, p. 128), a literatura infantil funciona como parceira para refletir sobre a construção do universo simbólico e a apropriação das heranças transmitidas e ressignificadas por avós e seus netos. Outrossim, o texto literário é uma forma de adultos e crianças penetrarem no mundo artístico e cultural. A cultura é extremamente relevante na constituição do

indivíduo, de sorte que a literatura é um meio importante de difusão dos valores culturais que regem uma sociedade, pois atinge facilmente, com seu caráter maravilhoso, a infância, constituindo-se um componente de formação de consciência cultural que leva a um desenvolvimento integral.

E o que acontece com os velhos, mais especificamente com os avós, quando perdem sua função primordial de contador de histórias por conta de alguma doença debilitante, típica da velhice, que os faz esquecer suas memórias?

Esse tema também vem sendo objeto de interesse da literatura infantil nos últimos anos. O progressivo envelhecimento da população dos países desenvolvidos e em desenvolvimento – incluindo o Brasil – vem impulsionando a produção e a circulação de livros para crianças com a temática da velhice e doenças características dessa fase como Alzheimer, Parkinson, AVC etc.

A fim de investigar essa dicotomia memória / esquecimento na relação entre avós e netos, faremos a análise de duas obras infantis: *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995) e *A avó adormecida* (2014) a seguir.

3 – Memória/Esquecimento dos Avós e a Narrativa Infantil Contemporânea

Guilherme Augusto Araújo Fernandes foi escrito por Mem Fox, australiana, professora universitária da área de Literatura Infantil, autora de livros de literatura para crianças. A ilustradora da obra é Julie Vivas, nascida na Austrália, que viveu sua infância nos Estados Unidos e, depois, na Espanha e Austrália. Foi finalista de vários prêmios literários. O livro foi publicado, pela primeira vez, em 1984 na Austrália e, no Brasil, em 1995, tendo sido traduzido para o português por Gilda de Aquino. O título original *Wilfrid Gordon Mac-Donald Partridge* é o nome completo do pai da autora e o nome do avô (Wilfrid Partridge). A obra já foi publicada em hebraico, espanhol, português, japonês e francês. Só nos EUA já foi vendido mais de um milhão de exemplares (FOX, 2010, disponível em: <<http://www.memfox.com/wilfrid-gordon-mcdonald-partridge.html>>).

O livro trata de forma sensível do problema da perda da memória, frequente na fase da velhice. Conta a história de um menino que morava vizinho a um asilo e o visitava amiúde. Ele gostava de conversar com os idosos que lá viviam, conhecia os seus nomes, os seus fazeres, ouvia as suas histórias. Estar no asilo estimulava a sua imaginação. Havia “a Sra. Silvano que tocava piano” (p. 6), “O Sr. Valdemar que adorava remar” (p. 7), “A Sra. Mandala que andava com uma bengala” (p. 7), “O Sr. Possante que tinha voz de gigante” (p. 7) e “O Sr. Cervantes que contava histórias arrepiantes” (p. 7). Todos eram seus amigos, mas de quem ele mais gostava era uma senhora de 96 anos, chamada Dona Antônia, a quem considerava uma avó, pois compartilhavam segredos, e existia entre eles uma notável semelhança: ambos possuíam quatro nomes.

Certa vez, Guilherme Augusto ouviu os seus pais comentarem que a senhora Antônia tinha

perdido a memória. Preocupado, o menino saiu perguntando às pessoas o que era memória e obteve diferentes respostas: “É algo que você se lembre”, “Algo quente”, “Algo bem antigo”, “Algo que o faz chorar”, “Algo que o faz rir”, “Algo que vale ouro” (FOX, 1995, p. 11 - 16). Nenhuma resposta foi simples, objetiva; estavam relacionadas à vida de cada um deles, àquilo que lhes passava na alma e no coração. A criança ficou angustiada: o que fazer? Ele voltou para casa com as respostas e com o desejo de procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido as suas.

As respostas fornecidas à criança estão conectadas ao que o filósofo francês Henri Bergson denomina de memória-lembrança (2006, p.93) — relacionadas às emoções, de cunho subjetivo, que retomam o passado mediante ligações. Então, a sensibilidade concreta infantil fez com que o menino recolhesse objetos que se encaixassem nos conceitos obtidos sobre memória – um ovo ainda quente, uma caixa de conchas que havia guardado há muito tempo, uma medalha que, com tristeza, lembrava seu avô, uma marionete que fazia todo mundo rir e uma bola que, para ele, valia ouro – , colocou todos esses objetos-lembranças em uma cesta e os entregou à Dona Antônia que relembrou histórias e recobrou a memória através das referências reais trazidas pelo menino.

O primeiro objeto reunido por Guilherme foi a concha que, simbolicamente, representa o útero materno, e no seu interior é formada a pérola. Para o menino, a “pérola” foi o início para a reconstituição da memória (SOUZA; GIROTTO; SIMÕES, 2013, p. 64). A partir desse momento, ele encontrou vários objetos e os escolheu, baseando-se nas palavras que representavam o “quebra-cabeça” da memória (marionete/riso; medalha/tristeza; bola/algo que vale ouro; ovo/quente).

A cesta onde Guilherme guardou os vários objetos ligados à definição de *memória* e ao seu próprio passado é símbolo do feminino. Representa o inconsciente e o corpo materno, contendo sempre um segredo. Separa do mundo aquilo que é frágil ou precioso. Mexer numa cesta é arriscado, pois seu conteúdo provoca mudanças para quem teve acesso a ele, como no mito da caixa de Pandora (CHEVALIER; GHEERBRANDT, 2000). Tanto Dona Antônia como o próprio Guilherme são afetados pelo conteúdo da cesta, pois, a partir dela, ambos tiveram contato com suas lembranças familiares: a senhora recuperou a memória e a criança ficou feliz porque teve sua amiga e confidente de volta.

Observa-se, então, que o imaginário infantil abala as certezas do mundo adulto. Guilherme, que ainda não conhecia o significado de *memória* dado pelo dicionário, estabeleceu algumas conexões que deram sentido à palavra. O personagem recorreu a materiais concretos, assim como uma criança que está no período pré-operatório, que, de acordo com Piaget (1986), abrange crianças de dois a sete anos. Nessa fase há dificuldade de abstração, e a criança necessita de uma explicação para tudo. Logo, a fim de que tivesse sentido para o menino, a memória precisava ser algo visível e

palpável. A história possibilita, dessa forma, a identificação do leitor infantil com o personagem, pois mostra o percurso que a criança realizou para entender uma palavra desconhecida.

Quando o menino mostra objetos que fazem sentido para ela, Dona Antônia começa a relembrar algumas vivências esquecidas: com uma das conchas no ouvido, lembrou-se de quando fora à praia de bonde; quando segurou o ovo, lembrou que havia encontrado um ovinho azul quando era pequena no jardim da casa da sua tia; ao segurar a medalha, recordou de seu irmão que tinha ido para a guerra e nunca voltou; ao sorrir para a marionete, rememorou o rosto de sua irmãzinha rindo com a boca cheia de mingau, até chegar a memória mais recente de quando jogou com uma bola de futebol, recordando-se de quando conheceu o menino Guilherme. É essa interação entre criança e idoso que dá sentido às suas vidas e faz Dona Antônia recuperar sua história e sua alegria de viver.

São necessárias ainda algumas considerações sobre as ilustrações da obra em exame para uma compreensão mais aprofundada da temática da memória e de sua perda.

As ilustrações são recursos característicos dos livros infantis para seduzir as crianças e os adultos. Para Parreiras (2009), uma ilustração dá lustre e brilho ao que está expresso verbalmente. É como se auxiliasse o leitor a estruturar seu pensamento.

Guilherme Augusto Araújo Fernandes apresenta 32 páginas numeradas com dimensões de 24 x 25,5 cm. A capa (Figura 1) introduz os dois personagens centrais da narrativa, que mais tarde são conhecidos como Guilherme, nome que dá título ao livro, e Dona Antônia, a senhora de 96 anos que perdeu a memória. O menino se equilibra em cima de um skate e a idosa encontra-se sentada em uma cadeira de palha. Essa ilustração já mostra a diferença entre as gerações e, ao mesmo tempo, a intimidade entre eles que estão bem próximos.



Figura 1

Na primeira página do livro, vê-se a imagem de Dona Antônia sozinha, de costas e sentada na mesma cadeira de palha, parecendo representar a solidão da personagem, distanciada dos outros pela memória perdida (Figura 2).



Figura 2

O livro apresenta tons coloridos suaves que simbolizam o esmaecimento das lembranças de Dona Antônia. Há também o branco como plano de fundo que parece representar o espaço destinado ao leitor para que ali, por meio de identificações e associações, deposite suas memórias.

Os dois espaços da obra são mostrados na ilustração que abre a narrativa: a casa de Guilherme e o asilo (Figura 3). O mundo infantil é caracterizado por uma casa simples, roupas estendidas no varal e brinquedos espalhados sobre o chão. Este é complementado pelo sorriso do protagonista brincando. Na página seguinte, há o segundo espaço: o asilo, também ilustrado com a moradia ao fundo da imagem e os idosos à frente da casa. Uma cerca separa esses dois universos etários, facilmente atravessada pelo menino, pois há um orifício na cerca que os divide. A linguagem visual aproxima o leitor do cenário.

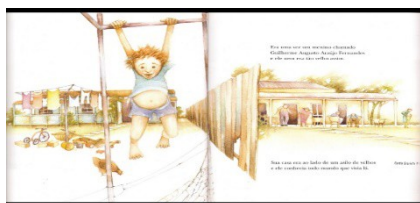


Figura 3

Em suma, no livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes, há um intercâmbio de conhecimento intergeracional. Guilherme aprende com os idosos do asilo o significado da amizade e do vocábulo *memória* e Dona Antônia aprende com Guilherme que uma criança está apta, com seus conhecimentos intuitivos, a ajudar uma idosa, a quem ele amava como uma “avó”, a recuperar lembranças perdidas. Essa troca de conhecimento é muito importante e, segundo Oliveira (1999), o saber não é unilateral e o ensino não é uma simples passagem de conhecimento dos mais velhos para os mais novos. Ao contrário, ensinar pressupõe a coexistência entre pessoas de diferentes idades e gerações compartilhando suas experiências de vida, o que envolve movimento, renovação e troca. Dessa forma, não importa a idade dos envolvidos na relação, visto que todos aprendem e ensinam.

O segundo livro a ser investigado é *A avó adormecida* (2014), escrito pelo italiano Roberto Parmeggiani em português e ilustrado por João Vaz de Carvalho. Apresenta 40 páginas não numeradas. A capa nos mostra uma senhora simpática e engraçada com cabelos de bolotas, assim como o lençol que a cobre (Figura 4). Título e ilustração remetem-nos para uma outra história bem conhecida, *A Bela Adormecida*.

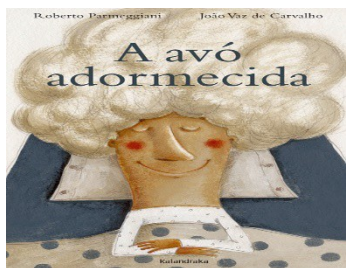


Figura 4

Fazendo referência a esse clássico conto de fadas e ao fato de a princesa adormecer profundamente após se ferir com um fuso, o autor descreve a perda de memória e a morte de sua *nona*, além do profundo laço afetivo entre avós e netos. A avó é como a *Bela Adormecida*, à espera de um príncipe encantado que a desperte com um beijo.

O enredo é narrado em primeira pessoa pelo próprio neto que nos conta a história de uma avó que passa um mês adormecida segundo a visão infantil: “Minha avó dorme. Minha avó dorme o dia todo. Minha avó dorme o dia todo, por um mês” (PARMEGGIANI, 2014, s/p).

Antes de ela adormecer, começou a fazer coisas estranhas como dançar valsa no meio da sala, maquiada, com um chapéu de flores; arrancar as flores do jardim para fazer uma sopa e convidar o garoto para ir à lua (Figura 5).



Figura 5

Há uma retrospectiva nostálgica quando a criança relembra o que gostava de fazer com a avó: liam muitos livros, ela lhe contava muitas histórias, preparava pizzas para ele, levava-o para comprar figurinhas e “abraçava-me a toda hora e eu desaparecia em seu amor” (PARMEGGIANI, 2014, s/p) (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7

Percebe-se, então, o amor imenso entre avó e neto e o papel da avó como apoio afetivo/educacional e guardiã das memórias e narrativas do passado.

Tendo a avó perdido seu contato com o mundo, inverteram-se os papéis: o neto, para ficar próximo a ela, passou a exercer a função de contador de histórias ao ler para a idosa o livro favorito dela (Figura 8).

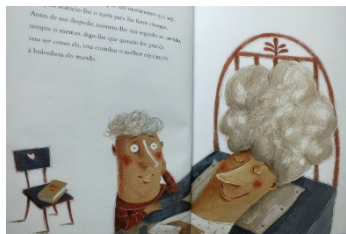


Figura 8

Confessou ainda para a *nona* que quando crescesse, ia cozinhar o macarrão com molho de tomate mais gostoso do mundo, significando que a transmissão de aspectos culturais entre gerações não envolve apenas a leitura e a contação de histórias, mas também a arte culinária fundante de uma linguagem de afeto que atravessa o tempo.

A morte da senhora é indicada pela alternância do tempo verbal – “Minha avó dorme/ Minha avó dormia” (PARMEGGIANI, 2014, s/p) – e pelas belas ilustrações de João Vaz de Carvalho que mostram uma cama vazia, um neto com um olhar perdido e um quarto enorme onde predomina o branco da ausência. A janela aberta com vista para o mar expressa a liberdade recém – conquistada da avó que deixou de lado a prostração e a doença, tendo sido levada pela morte, travestida de príncipe encantado (Figura 9).



Figura 9

No desfecho, o narrador – mirim declara poeticamente que a avó “Voa alto com as pipas. Nada nas profundezas do mar. Bebe muita limonada. E prepara toneladas de pães” (PARMEGGIANI, 2014, s/p). Ou seja, apesar da tristeza pela perda da avó, o mais importante são as lembranças afetivas geradas por essa convivência que estarão sempre com ele. O sorriso que a avó exibia, enquanto dormia, parece ser a invocação da memória de tudo o que fica.

Complementando a poeticidade do texto, os desenhos de Vaz, feitos com lápis, aquarela e pastel, são dinâmicos com uma paleta de cores que abrange o bege, o preto, o azul profundo e o vermelho vinho. O ilustrador constrói, então, segundo Rasga (2015), “metáforas visuais para enfatizar um caminho, entre a presença e a ausência, entre a avó que cuida do neto e o neto que

acompanha a avó, na sua enfermidade, lendo-lhe histórias junto à sua cama” (<http://deusmelivro.com/critica/a-avo-adormecida-roberto-parmeggiane-e-joao-vaz-de-carvalho-25-2-2015/>)

4 – Conclusão

O que se pode perceber, por intermédio da análise dessas obras voltadas para crianças, é que velhice e infância estão entrelaçadas em representações e significados, pois essas fases da vida apresentam um traço em comum, a falta: para o idoso, daquilo que já foi (o passado com suas memórias) e para o infante, do novo, ou seja, daquilo que ele ainda não viveu.

Vale acrescentar que há uma ligação entre as diferentes gerações mediada pela ajuda mútua. Os avós biológicos ou “de coração”, como Dona Antônia, cuidam das crianças na ausência dos pais e contam histórias para elas, partilhando suas memórias. Os pequenos os auxiliam, fazendo-lhes companhia e lendo para eles como em *A avó adormecida* ou, então, buscando resgatar suas lembranças perdidas como em *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*.

Essa breve investigação sobre a temática da velhice na literatura para crianças leva a outros questionamentos: Além do papel de narrador de histórias e detentor do conhecimento, que outras funções o idoso desempenha na literatura infantil contemporânea? Como a personagem criança reage face a essas outras imagens da senescência? Qual a importância das ilustrações na construção desse imaginário?

Esperamos que tais problematizações sirvam de incentivo para novas pesquisas acerca da estreita relação entre infância e velhice / avosidade, geralmente marcada pela proximidade e pelo afeto.

Referências Bibliográficas

- BARROS, M. M. L. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: a realidade incômoda. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel, 1976. V.1
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: ----- **Obras escolhidas I**. Tradução de P.S. Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.
- FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Ilustrado por Julie Vivas. Tradução de Gilda de Aquino. 8ª ed. São Paulo: Brinque-book, 1995.

- FOX, Mem. **Wilfrid Gordon Mac-Donald Partridge**, 2010. Disponível em: <<http://www.memfox.com/wilfrid-gordon-mcdonald-partridge.html>>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- OLIVEIRA, P.S. **Vidas Compartilhadas**: Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 1999
- PARMEGGIANI, Roberto. **A Avó Adormecida**. Ilustrado por João Vaz de Carvalho. São Paulo, Editora DSOP, 2014.
- PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura**: O que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte: rhj, 2009.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. 4. ed. rev. São Paulo: M. Fontes, 1986.
- RASGA, Andreia. **A avó adormecida**, Deus me livro, 2015. Disponível em: <<http://deusmelivro.com/critica/a-avo-adormecida-roberto-parmeggiane-e-joao-vaz-de-carvalho-25-2-2015/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- SILVA, Camila Funari Mendes; CORREA, Mariele Rodrigues. Trocas simbólicas entre gerações: avós, netos e a literatura infantil. **Pensando famílias**. 18(1), p.124 – 137, jun. 2014.
- SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SIMÕES, Rita. Manuais didáticos e literatura infantil: as leituras infantis no Brasil e em Portugal. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 262-269, abr./jun. 2013.